

EM DEFESA DE UMA GEOGRAFIA FINANCEIRA

Joanderson Prada¹
Pierre Alves Costa²
Sandra Lúcia Videira³

Resumo: O presente trabalho se dedica a propor a existência de uma Geografia Financeira, justificando tal assertiva por meio da caracterização do que vem sendo discutido em âmbito geográfico acerca do tema das finanças. Assim, pautados por pesquisa bibliográfica, apresentamos algumas das abordagens adotadas pelos geógrafos brasileiros ao se dedicarem a essa temática para, na sequência, detalharmos alguns dos principais trabalhos dedicados ao tema. Como resultado, verificamos que o aspecto financeiro possui grande relevância sobre a organização do espaço geográfico.

Palavras-chave: Finanças. Geografia. Espaço geográfico. Autores e publicações. Perspectiva histórica.

IN DEFENSE OF A FINANCIAL GEOGRAPHY

Abstract: The present work is dedicated to propose the existence of a Financial Geography, justifying this assertion through the characterization of what has been discussed in the geographic scope on the subject of finance. Thus, based on bibliographic research, we present some of the approaches adopted by the Brazilian geographers when dedicating themselves to this theme and, in sequence, we detail some of the main works dedicated to the theme. As a result, we verified that the financial aspect has great relevance on the organization of the geographic space.

Keywords: Finances. Geography. Geographic space. Authors and publications. Historical perspective.

EM DEFENSA DE UNA GEOGRAFÍA FINANCIERA

Resumen: El presente trabajo se dedica a proponer la existencia de una Geografía Financiera, justificando tal afirmación, por medio de la caracterización de lo que viene siendo discutido, en ámbito geográfico acerca del tema de las finanzas. Así pautados por investigaciones bibliográficas, presentamos algunos de los puntos abordados y adoptados por los geógrafos brasileños al dedicarse a esa temática, para a continuación poder detallar algunos de los principales trabajos dedicados al tema. Como resultado, verificamos que la apariencia financiero tiene gran relevancia sobre la organización del espacio geográfico.

Palabras clave: Finanzas. Geografía. Espacio geográfico. Autores y publicaciones. Perspectiva histórica.

¹ Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava-PR, Brasil, joanderson_prada@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9762-7066>

² Universidade Estadual do Centro-Oeste, Departamento de Geografia, Guarapuava-PR, Brasil, alvespierre75@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-7927-3367>

³ Universidade Estadual do Centro-Oeste, Departamento de Geografia, Guarapuava-PR, Brasil, slvideira@uol.com.br, <https://orcid.org/0000-0003-3145-0170>

Introdução

O estudo do espaço geográfico é tarefa destinada aos geógrafos que, ao realizarem suas pesquisas devem considerar os diversos elementos que constituem seu objeto de estudo e influenciam nas características que ele assume. Ao ignorar determinados aspectos da realidade, corre-se o risco de dificultar a compreensão de fenômenos importantes para o entendimento desse espaço, em sua complexidade.

De grande importância na atual sociedade capitalista, as finanças são um dos elementos a serem considerados, pois são peça fundamental para diversos processos que moldam o espaço geográfico. Elas são aqui entendidas como valores que são transferidos por meio de transações financeiras de modo a possibilitar a sua utilização para os mais variados fins. Essa concepção de finanças se aproxima da apresentada por Singer (2000), ao mencionar que

Cada transação financeira é uma operação de empréstimo. O mundo das finanças gira ao redor de crédito, de transferência de valores que tem como contrapartida a promessa de devolução dos mesmos valores acrescidos de juros ou outro tipo análogo de rendimento, como dividendos, aluguéis, arrendamentos etc [...] (SINGER, 2000, p.23).

A utilidade das transações financeiras é a de economizar tempo, pois possibilitam a realização de investimentos que só poderiam ser concretizados se os sujeitos tivessem a quantia total em dinheiro (capital) necessária para a compra ou para a produção do produto final a que estão interessados. De modo resumido, “As finanças permitem dissociar os períodos de produção e de distribuição da movimentação de valores [...]” (SINGER, 2000, p.30).

[...] Desde os empréstimos internacionais, realizados entre grandes empresas e Estados, até uma operação de crédito consignado, demandado por um aposentado numa pequena cidade do interior do território brasileiro, tudo mostra que as finanças parecem ter ganhado uma influência inaudita no atual momento de nossa civilização (CONTEL, 2011a, p.18).

Apesar dessa sua importância, somente recentemente um maior número de geógrafos brasileiros voltaram seu olhar para as finanças de modo a integrá-las em seus estudos, com ênfase em nomes com Roberto Lobato Corrêa, Leila Christina Dias, Sandra Lúcia Videira e Fábio Betioli Contel, geógrafos que possuem destaque por estudos recentes dedicados ao tema das finanças.

Tendo como base essas discussões, apresentamos o presente trabalho que possui por objetivo propor a existência de uma Geografia Financeira como sendo a especialidade da Geografia Econômica que se dedica ao estudo da relação finanças-espaco geográfico. Essa relação se manifesta ao considerarmos que a presença ou a escassez das finanças possuem efeitos que alteram as características do espaço, ou seja, as finanças podem se materializar nesse espaço.

Essa proposta possui base na divisão das ciências humanas realizada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) atualmente vigente no país e utilizada como forma de incluir a Geografia Financeira junto aos demais temas estudados pela Geografia. A justificativa encontra-se na existência de um volume considerável de publicações de geógrafos em nível nacional que possuem as finanças e os atores a elas relacionados como seu tema de estudo, o que permite delimitarmos a Geografia Financeira como uma das especialidades da Geografia, diretamente relacionada a Geografia Econômica.

Para atingir esse objetivo, realizamos uma discussão com base em pesquisa bibliográfica junto a trabalhos de âmbito geográfico e que possuem as finanças como temática de estudo. Embora a lista de autores e de publicações não se restrinja a que utilizamos, esses trabalhos contribuem para a defesa da Geografia Financeira na medida em que eles nos permitem caracterizar o que vem sendo discutido em nível nacional e também são demonstrativos da notoriedade que as finanças vêm adquirindo na Geografia brasileira.

A organização do trabalho é feita de modo a, primeiramente, apresentar nossa proposta, momento em que salientamos a contribuição dada pela Geografia ao estudo das finanças e do sistema financeiro/bancário, diferenciando o que vem sendo produzido em Geografia da produção de outras áreas do conhecimento. Na sequência, destacamos algumas abordagens que vêm sendo adotadas pelos geógrafos ao se dedicarem a essa temática, o que nos permite conceber a existência de uma Geografia Financeira que possui importantes trabalhos publicados nacional e internacionalmente.

A contribuição da Geografia ao estudo das finanças

O processo de globalização, intensificado a partir das últimas décadas do século XX e início do século XXI vem possibilitando uma maior integração dos espaços no sentido de permitir a circulação de fluxos (materiais e imateriais) e a

comunicação entre localidades distantes geograficamente entre si. Dentre tais fluxos, as finanças destacam-se devido ao aumento de sua escala de atuação, se aproveitando do contexto político-econômico e das possibilidades técnicas desse período para romperem as barreiras que antes dificultavam a sua livre circulação.

Foi principalmente em meio a esse processo que os geógrafos brasileiros passaram a se dedicar a compreensão das finanças em sua relação com o espaço geográfico, o que pode ser visualizado, por exemplo, por meio do aumento do número de publicações e de eventos que possuem as finanças como seu tema de discussão. É esse o caso do Seminário Internacional Geografia e Finanças⁴, cuja primeira edição foi organizada pela Universidade de São Paulo (USP) e realizada entre os dias 6 e 8 de abril de 2016. Este evento contou com a presença de 17 palestrantes, dentre os quais 9 possuem alguma formação em Geografia (graduação, mestrado ou doutorado).

As temáticas discutidas nesse evento são demonstrativas da importância do aspecto financeiro na organização da sociedade moderna. Quais sejam: “Crise financeira global e a vulnerabilidade dos territórios”; “Sistemas produtivos e as finanças na América Latina: desafios para a integração regional”; “o sistema bancário brasileiro e a creditização do território”; “Rede urbana, rede bancária e a topologia do sistema financeiro”; “Sistemas técnicos, trabalho e automação bancária”; “O lugar e as finanças: consumo versus cidadania?”.

Esse evento demonstra ainda a inclusão das finanças em pesquisas com diferentes enfoques e que discutem temas semelhantes aos estudados por outras disciplinas. Sem reduzir a importância das demais disciplinas, o “olhar geográfico” é o diferencial dos geógrafos quando esses são comparados a profissionais de outras áreas, pois cada uma dessas disciplinas se dedica ao estudo das finanças a partir de seu próprio objetivo, mantendo distinções que são expressas em suas singularidades.

É importante a existência de um diálogo entre as disciplinas de modo que suas pesquisas se complementem, cada qual mantendo suas próprias características, mas considerando a contribuição oferecida por cada uma para o progresso científico como um todo. Apesar disso, as pesquisas ditas geográficas devem ter o cuidado de não se aproximarem de como excessivo das discussões que caracterizam a produção das demais ciências.

⁴ Consideramos esse evento de âmbito geográfico por ter sido organizado pelo Departamento de Geografia, pelo Programa de Pós-Graduação de Geografia Humana e pelo Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial (LABOPLAN) pertencentes à USP.

A Geografia traz importantes contribuições ao discutir sobre o modo como as finanças se espacializam, pois isso traz consigo consequências que são sentidas nos espaços em que elas se fazem presentes e também onde há escassez desse recurso. Essa discussão possui importância principalmente na atual sociedade capitalista, em que a posse das finanças pode determinar a capacidade de gestão dos espaços. Conforme destaca Monbeig (2004, p.304) “[...] o dinheiro é o instrumento capital do homem, não vejo razão alguma para excluí-lo da Geografia [...]”⁵.

A delimitação das áreas do conhecimento realizada pelo CNPq reflete, de certo modo, uma dificuldade em “posicionar” a Geografia junto as demais áreas, na medida em que a Geografia Física e a Geografia Humana foram enquadradas em grandes áreas diferentes, a saber Ciências Exatas e da Terra e Ciências Humanas, respectivamente.

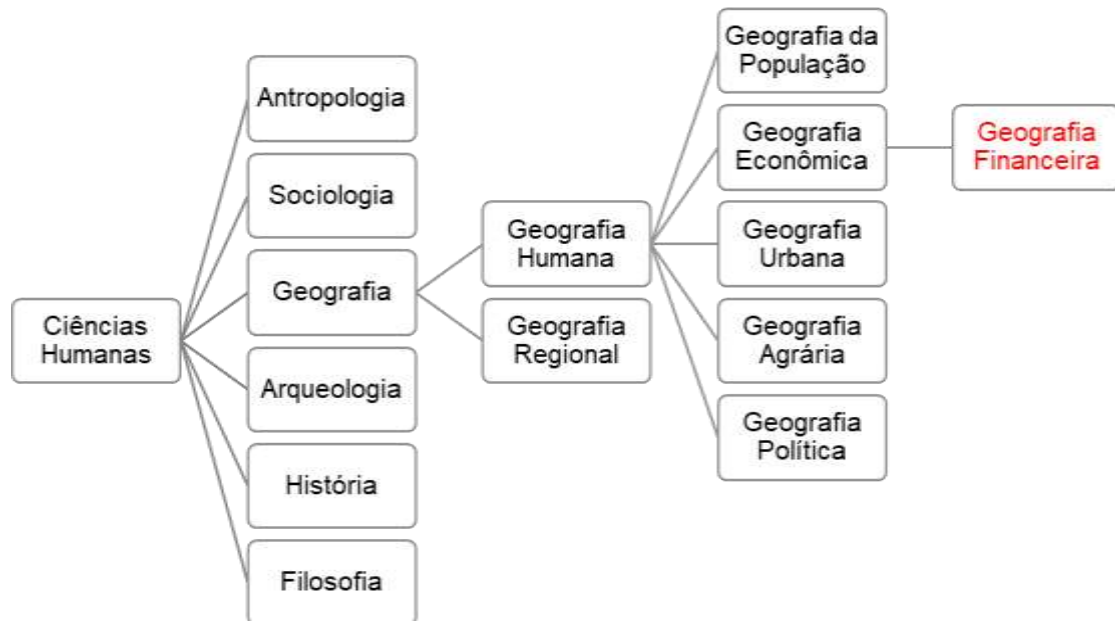
É com base nesta delimitação que apresentamos a Figura 1 com a divisão das Ciências Humanas realizada pelo CNPq e que considera a Geografia da População, Geografia Econômica, Geografia Urbana, Geografia Agrária e a Geografia Política como sendo as especialidades da Geografia Humana. A essa delimitação, incluímos a Geografia Financeira como sendo uma especialidade da Geografia Econômica pois, conforme destacamos, o aspecto financeiro em muito contribui para o entendimento do espaço geográfico⁶.

⁵ Esse trabalho, intitulado “O estudo geográfico das cidades”, foi originalmente publicado por Pierre Monbeig em 1941 e se constitui em trabalho de grande importância para o impulso aos estudos em Geografia urbana no Brasil. Republicado no ano de 2004, as ideias do autor permanecem atuais, tais como a citada no presente trabalho.

⁶ Não é nosso objetivo discutir esta delimitação das áreas do conhecimento, embora consideramos que, para além da Geografia Financeira, outras especialidades da Geografia poderiam ser incluídas. Buscamos por meio deste organograma apenas localizar a Geografia Financeira junto aos demais ramos do conhecimento. A lista completa das áreas do conhecimento pode ser consultada no seguinte endereço eletrônico:

<<http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>>.

Figura 1 – Especialidades da Geografia Humana



Fonte: Adaptado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

A produção geográfica não pode, desse modo, ser concebida como um saber isolado. Embora a Geografia (considerada em sua totalidade) venha desde meados do século XIX se desenvolvendo junto as demais disciplinas científicas, consideramos que a Geografia Financeira passa ainda por uma fase de maturação e está se “ajustando” como uma das especialidades. A formação de uma rede de estudos financeiros passa pelo aumento do número publicações que possuam as finanças como seu objeto de estudo, contribuindo para o aumento do diálogo entre os geógrafos e, conseqüentemente, do número de pesquisas direcionadas às finanças.

Esperamos, por meio desta pesquisa, dar um passo a mais na construção de uma “Geografia Financeira brasileira”, ainda pouco difundida entre os geógrafos, mas que em muito contribui para a compreensão das finanças. Durante nossas leituras identificamos algumas abordagens de estudo, apresentadas no próximo item, que estão sendo aplicadas pelos geógrafos ao se dedicarem ao estudo das finanças. Não esperamos destacar todas as abordagens possíveis, mas contribuir para a compreensão do que vem sendo discutido pelos geógrafos.

Geografia e finanças: algumas abordagens de estudo

Nos dias atuais, falar em finanças e em intermediação financeira requer considerar, principalmente, a participação dos bancos mediando transações, as quais adquiriram escala global. Os bancos mantêm entre seus clientes desde um cidadão comum, que utiliza o banco para receber seu salário mensal ou para depositar dinheiro em uma caderneta de poupança, por exemplo, até Estados-Nação ou empresas multinacionais que realizam, mesmo durante um único dia, transações de grandes somas de dinheiro entre os locais mais longínquos do planeta.

Essa importância das finanças (isto é, da moeda, do crédito, do endividamento, dos juros etc) e de seus atores (os bancos, as “financeiras”, e demais credores e emprestadores) parece ter atualmente, chegado num novo patamar. Poucas são as atividades ditas “econômicas” que se fazem sem o acesso a algum tipo de instrumento financeiro [...] (CONTEL, 2011a, p.18).

Em consequência dessa importância, termos como estes citados por Contel (2011a) - moeda, crédito, endividamento, juros, dentre outros – passaram a ser mais facilmente encontrados nos trabalhos de geógrafos, resultado de novas temáticas de estudo que foram incorporadas no âmbito de atuação da Geografia. O estudo das finanças vem sendo incorporado mediante diferentes abordagens, algumas das quais destacamos agora como forma de demonstrar a inclusão das finanças nas pesquisas geográficas.

Dentre essas abordagens, encontram-se as pesquisas que têm as agências bancárias como seu objeto de estudo, pois essas foram, durante algum tempo, a principal forma disponibilizada pelos bancos para oferecerem seus serviços. Nos dias atuais, novas formas de acesso aos serviços bancários estão disponíveis, representadas pelo que ficou conhecido como a “nova topologia bancária” (CONTEL, 2011a), onde se enquadram os caixas eletrônicos, *call centers*, *internet banking* e uso de cartões de crédito. Estes, ao mesmo tempo em que ampliaram a escala de atuação dos bancos, possibilitaram que parcela da população, antes desassistida, obtivesse acesso aos serviços bancários⁷, aumentando ainda mais a possibilidade de concentração das finanças por parte das corporações bancárias.

⁷ Essas novas formas de atendimento bancário, para além das agências, trouxeram consigo mudanças na forma de organização territorial e também na forma de atuação dos bancos e, por este motivo, tornaram-se também temas de estudo por parte dos geógrafos.

Situados em determinados estabelecimentos comerciais, os correspondentes bancários se somam a esses novos aparatos e possibilitam a oferta de serviços financeiros menos complexos sem a necessidade de que o banco disponibilize um funcionário para essa função. Os próprios empregados dos estabelecimentos são treinados e capacitados para a realização dos serviços, dentre os quais menciona Contel (2011a): o preenchimento de ficha para a abertura de contas, a realização de pagamentos simples, de depósitos e saques em pequenas quantidades em dinheiro e também o recebimento de benefícios sociais.

Observamos que a informatização do atendimento bancário trouxe consigo consequências quanto a empregabilidade do setor, pois muito do que antes era de responsabilidade dos funcionários, agora é executado por aparato tecnológico. Este aspecto pode ser relacionado com o número de demissões e o aumento do desemprego no setor ao longo dos anos, com o número de funcionários passando de 1.000.000 em 1986 para 392.800 em 2000 (CORRÊA, 2012).

Outra abordagem direciona seu olhar para a compreensão do modo como o sistema bancário vem se estruturando ao longo do tempo, o que possibilita comparar a sua organização territorial em cada período e relacioná-la com as características político-econômicas vigentes. Durante nossas leituras, encontramos trabalhos que relacionam a expansão do sistema bancário com a creditização da população e com o seu endividamento.

Para essa expansão bancária, foi importante a difusão de aparatos técnicos que se tornaram também tema de estudo por parte dos geógrafos. Aqui se enquadram estudos que relacionam a difusão das agências pelo território com a expansão de redes técnicas que possibilitam a integração territorial do sistema bancário.

Ainda no âmbito das pesquisas geográficas, algumas se dedicam a compreensão de um banco específico, seja ele público ou privado. Este tipo de pesquisa contribui, por exemplo, com o entendimento de como o Brasil se insere na economia global por meio da internacionalização de sua economia. É este o caso de pesquisas que estudam a internacionalização de bancos nacionais e também daquelas que analisam a atuação de corporações estrangeiras no território brasileiro, que simboliza o estreitamento das relações econômicas entre os países.

Outras pesquisas possuem foco em regiões específicas, relacionando suas particularidades com o modo como o sistema financeiro aí se organiza. Nesse sentido, é possível comparar determinadas regiões para melhor compreender como

a financeirização se comporta em cada território⁸. Esse tipo de pesquisa possui importância em países como o Brasil, que possui um vasto território caracterizado pela existência de diferenças socioeconômicas entre suas regiões.

As condições técnicas existentes permitem que as pesquisas concebam a existência de um sistema financeiro único, integrado do ponto de vista da circulação dos fluxos financeiros. A atuação das bolsas de valores é um símbolo da integração dos mercados pois, quando a bolsa de Tóquio opera em queda, por exemplo, reflexos são sentidos na atuação das demais bolsas localizadas em diferentes países.

Há uma maior susceptibilidade das economias a crises econômicas globais, cujos efeitos econômicos e sociais se agravaram cada vez mais (CHESNAIS, 2005). Essa ideia é reforçada por Harvey (2011), ao mencionar a ocorrência de centenas de crises financeiras ao redor do mundo desde 1973, em contraposição com as muito poucas entre 1945 e 1973⁹.

Destacamos uma última abordagem (embora as pesquisas não se restrinjam a elas) direcionada a compreensão do papel desempenhado pelas agências de fomento e pelos bancos públicos, estaduais e federais, como agentes dinamizadores de políticas públicas direcionadas principalmente para as regiões mais deprimidas economicamente.

A atuação diferenciada dos bancos públicos possui reflexo no modo como eles organizam a sua rede, principalmente no que se refere à oferta de serviços bancários e a difusão do crédito. Em relação as agências de fomento, a compreensão da atuação destas instituições, nos diversos pontos do território brasileiro, é de grande importância para o entendimento de como o setor público utiliza o sistema financeiro como forma de permitir que suas políticas cheguem aos locais mais necessitados.

Estes apontamentos são aqui utilizados com o intuito de demonstrar a importância adquirida pelo aspecto financeiro e as múltiplas possibilidades existentes de os geógrafos envolverem as finanças em suas pesquisas, pois

⁸ Utilizamos o termo financeirização para designar a realização de investimentos financeiros no espaço geográfico.

⁹ Chesnais (2005) associa a ocorrência das crises ao incessante movimento da finança para tentar forçar o ritmo da apropriação da riqueza suscetível de ser drenada para os centros financeiros. Dentre as crises financeiras relacionadas com a desregulamentação financeira estão a “Crise da Bolsa de Valores de Nova York (1987), a “Crise do peso mexicano” (1994), a “Crise dos Gigantes Asiáticos” (1997), a “Crise do rublo” (1998), a “Crise das pontocom” (2000), a “Crise das Torres Gêmeas” (2001) e a “Crise Imobiliária” (2008). Embora tenham origem local, a integração proporcionada pela Globalização Financeira desencadeia o chamado “efeito dominó”, fazendo com que essas crises deem origem a uma instabilidade que afeta também outros locais.

agregam à compreensão do espaço geográfico. Conforme destacado, o entendimento desta variável envolve a realização de pesquisas que, por diversos aspectos, se aproximam de outras realizadas por geógrafos dedicados a estudos “não financeiros”, mas também de outras áreas do conhecimento¹⁰.

Julgamos ser importante realizar um breve resgate de algumas das principais obras que possuem o sistema financeiro e principalmente o sistema bancário como seu objeto de estudo. É isso o que realizamos no próximo item, o que contribui para uma compreensão mais detalhada do que vem sendo discutido em âmbito geográfico.

A Geografia Financeira: algumas de suas produções

É importante, na construção da Geografia Financeira, o aumento no número de publicações que contribuam para um conhecimento mais aprofundado das finanças. O número de geógrafos dedicados a essa temática é ainda reduzido, principalmente se comparados com os pesquisadores dedicados a temáticas “clássicas” da Geografia e que são objeto de estudo a mais tempo.

Apesar disso, ao realizarmos uma busca nos Periódicos Capes, bastante utilizados por pesquisadores brasileiros, constatamos a presença de um número considerável de publicações relacionadas aos termos “finanças”, “sistema bancário” e “dinheiro”¹¹. Os resultados dessa busca são expressos na tabela 1 e tornam evidente que, quando considerado as diferentes áreas do conhecimento, são inúmeros os trabalhos que discutem as finanças e seus principais operadores.

Tabela 1 – Publicações localizadas nos Periódicos Capes com base em termos financeiros

TERMO DE PESQUISA	PLATAFORMA
	Periódicos Capes
Finanças	4.711
Sistema bancário	2.028
Dinheiro	5.895

Fonte: Periódicos Capes (2018).

¹⁰ Há, por exemplo, pesquisadores dedicados exclusivamente a Geografia do Trabalho e outros ao estudo da difusão das redes técnicas pelo território, estudos estes que podem contemplar o sistema financeiro.

¹¹ A escolha por esses termos se deu por se relacionarem a temática do presente trabalho, sendo utilizados apenas como exemplos do recente impulso ganho pelo tema das finanças.

Buscando localizar o maior número de trabalhos possíveis, nesse primeiro momento não refinamos a busca com base em critérios específicos, o que permitiu obter os resultados mais abrangentes possíveis. Em um segundo momento, restringimos a busca a publicações dos últimos 10 anos, o que tornou evidente que grande parte destes trabalhos foram publicados recentemente, conforme expresso pela tabela 2.

Tabela 2 – Publicações dos últimos 10 anos localizadas nos Periódicos Capes com base em termos financeiros

TERMO DE PESQUISA	PLATAFORMA
	Periódicos Capes
Finanças	3.563
Sistema bancário	1.575
Dinheiro	5.342

Fonte: Periódicos Capes (2018).

No caso específico da Geografia Financeira, a ampliação do número de pesquisadores e conseqüentemente do número de publicações perpassa por um maior diálogo entre pesquisadores de diferentes partes do globo, contribuindo para uma maior difusão de suas pesquisas e integração do que vem sendo produzido. Julgamos ser essencial superarmos as distâncias geográficas e nos aproximarmos, enquanto pesquisadores interessados pela dinâmica financeira.

Em relação a esses argumentos, nos perguntamos: O que vem sendo produzido a esse respeito no Brasil? Que temas têm despertado maior interesse dos geógrafos brasileiros quando direcionam o seu olhar para as finanças? A resposta para essas questões perpassa por um breve resgate histórico de alguns dos trabalhos publicados no país, considerando a contribuição de cada um para a compreensão das finanças e do sistema bancário.

Não é nosso intuito realizar um resgate de todas as obras de pesquisadores brasileiros, mas sim contribuir para que o leitor interessado visualize alguns dos principais temas discutidos pela Geografia Financeira em âmbito nacional. Antes de discutirmos o caso brasileiro, devemos nos ater a origem da Geografia Financeira, pois o que é produzido no Brasil pode ter sido influenciado e também estimulado pela produção de outros países. Utilizamos como base os trabalhos de Contel (2016) e Medeiros (2013), autores esses que realizaram o resgate de algumas das

primeiras publicações geográficas que consideraram a importância das finanças em sua relação com o espaço geográfico.

Influenciados por esses dois autores, damos maior destaque para a Geografia francesa como uma das precursoras da Geografia Financeira, embora não seja nosso objetivo sintetizar a sua origem apenas à produção francesa. A ausência de geógrafos de outros países se deve a maior dificuldade que encontramos em obter publicações sobre o tema das finanças que não fossem a dos geógrafos franceses.

A importância dos geógrafos franceses nas primeiras pesquisas geográficas dedicadas às finanças

A origem da Geografia Financeira se assemelha a história da própria Geografia, na medida em que parte das primeiras obras que consideramos serem “financeiras” foram produzidas por geógrafos franceses que, juntamente com os alemães, estão entre os precursores dos estudos geográficos. Os geógrafos franceses estão entre os maiores influenciadores da Geografia brasileira, pois a sua presença no país foi um grande estímulo à Geografia produzida nacionalmente.

Logo, a Geografia produzida no Brasil deve muitas de suas características a essa influência estrangeira¹², que contribuiu com o desenvolvimento dessa disciplina em um país ainda “jovem” no que se refere ao desenvolvimento científico, principalmente quando comparado à Europa. O desenvolvimento da Geografia brasileira pode ser datado a partir de 1934, com a criação das primeiras cátedras de Geografia nas, então chamadas, Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, em São Paulo (na Universidade de São Paulo) e no Rio de Janeiro (Universidade do Distrito Federal) (BERNARDES, 1982).

A influência francesa na Geografia brasileira se fez presente desde muito cedo, antes mesmo da criação das cátedras de Geografia, conforme expresso por Bernardes (1982) ao detalhar algumas contribuições de geógrafos estrangeiros que aqui estiveram, principalmente no impulso inicial à Geografia brasileira. Os geógrafos estrangeiros foram importantes ao realizarem pesquisas de áreas específicas, tais como a Biogeografia, Geografia Agrária, Geomorfologia, Geografia Urbana, Geografia das Populações, dentre outras. Além disso, sua contribuição se

¹² Consultar Bernardes (1982) para uma leitura mais detalhada sobre a influência estrangeira na origem da Geografia no Brasil.

estendeu aos métodos utilizados, influenciando no modo de se fazer pesquisa em Geografia no Brasil.

Autores como Contel (2016) e Medeiros (2013) contribuem a esse respeito ao realizarem um resgate das origens da Geografia Financeira, relacionando-a à contribuição dos geógrafos franceses. Contel (2016) realiza uma divisão de seu trabalho a partir do que foi produzido pelos geógrafos franceses e brasileiros para o estudo das finanças na Geografia. Medeiros (2013) segue a mesma linha ao destacar a importância da Geografia Clássica francesa como um momento inicial de preocupação dos geógrafos para o papel das finanças no território.¹³

Com base nas informações desses autores percebemos que, na França, logo nas primeiras décadas do século XX, já haviam geógrafos dedicados à compreensão das finanças. No Brasil, somente no final desse mesmo século um maior número de pesquisas foi publicado possuindo o sistema financeiro como objeto de estudo.

Consideramos serem clássicos parte dos autores citados por Contel (2016) e Medeiros (2013), pois contribuíram para o impulso inicial à Geografia Financeira. Embora possua reconhecida importância, essa bibliografia francesa é praticamente esquecida pela produção anglo-saxã (CONTEL, 2016), o que pode ser justificado pelo fato de parte dela não ter sido traduzida para o inglês. Apresentamos no quadro 1 os trabalhos mencionados por Contel (2016) e Medeiros (2013) responsáveis por algumas das primeiras pesquisas que tomam como preocupação a Geografia Financeira, em seus momentos iniciais.

¹³ Essas obras consistem em fonte de informações do presente trabalho e possuem importância para leitores interessados em informações mais detalhadas sobre a origem da Geografia Financeira, principalmente em relação a suas primeiras publicações.

Quadro 1 – Geografia Financeira: algumas das publicações iniciais

GEÓGRAFO	ANO DE PUBLICAÇÃO	OBRA
Jean Brunhes (1869-1930)	1925	“La géographie humaine”.
Jean Dresch (1905-1994)	1946 1946 1948	“Déclin du colonialisme”. “Sur une géographie des investissements de capitaux. L'exemple de l'Afrique Noire”. “Reflexões sobre a geografia”.
Jean Gottman (1915-1994)	1957 1961	“Les Marchés de Matières Premières”. “Megalopolis. The urbanized northeastern seabord of the United States”.
Jean Labasse (1918-2002)	1949 1955 1974	“Méthodologie et géographie des investissements”. “Les Capitaux et la Région. Étude Géographique. Essay sur le commerce et la circulation des capitaux dans la région lyonnaise”. “L'Espace financier. Analyse géographique”.
Michel Rochefort (1927-2015)	1950 1960	“La pénétration des capitaux bourgeois dans la campagne autoinoise. Ses conséquences sur l'hatitat et la structure agraire”. “L'Organisation urbaine de l'Alsace”.
Pierre Monbeig (1908-1987)	1941 1952 1957	“O estudo geográfico das cidades”. “Pionniers et planteurs de São Paulo”. “Capital e geografia”.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Contel (2016) e Medeiros (2013).

As finanças nem sempre foram o principal objeto de estudo a ser investigado nessas primeiras pesquisas, mas a discussão do aspecto financeiro foi considerada importante por contribuir com a compreensão dos fenômenos presentes no espaço geográfico. Alguns desses geógrafos estão, inclusive, entre os pesquisadores que contribuíram com as primeiras pesquisas em âmbito nacional destinadas ao estudo das finanças, o que é representativo da influência francesa no que se refere a produção geográfica brasileira.

A Geografia Financeira brasileira

Até os anos 1980, foi reduzido o número de publicações de geógrafos no Brasil que incluíram as finanças em suas análises. Quando realizadas, essas pesquisas se constituíam de “apêndices” de assuntos mais tradicionalmente tratados

pela Geografia Econômica (CONTEL, 2016). O crescimento do número de publicações ocorreu de modo concomitante ao aumento da importância das finanças na organização do espaço geográfico.

Este fato se assemelha com o que ocorreu na França com as primeiras publicações sobre as finanças, que se fizeram presentes em pesquisas que tinham como propósito o estudo de algum outro aspecto da realidade. Além disso, a Geografia francesa se dedicava, de início, ao estudo dos aspectos visíveis (materiais) do espaço geográfico, existindo a existindo a necessidade de uma mudança nessa forma de percepção da realidade para que as finanças passassem a ser estudadas de modo mais aprofundado, pois atualmente a sua circulação ocorre, por diversas vezes, de modo imaterial¹⁴. A Geografia deveria romper-se desta relação exclusiva com os aspectos visíveis, pois o espaço geográfico não é constituído apenas de aspectos materiais.

O geógrafo francês Pierre Monbeig (2004) contribuiu com algumas das primeiras publicações no Brasil. Em seu artigo *O estudo geográfico das cidades*¹⁵, inseriu as finanças em sua classificação das funções urbanas. Ele concebia a existência de uma função bancária que se manifesta pelo papel da cidade como centro bancário. Para Monbeig (2004), a importância dos bancos se manifesta a partir do momento que um observador, naturalmente, irá avaliar o progresso de uma cidade pelo número de bancos e a importância de seus negócios.

O principal objetivo de sua pesquisa era o de destacar a importância da realização de estudos sobre a Geografia Urbana no Brasil, formulando uma espécie de receituário aos pesquisadores brasileiros interessados na elaboração de monografias. Isto se justifica pelo fato de que, naquele momento, a Geografia brasileira dava ainda seus primeiros passos e acreditamos que as preocupações estavam centradas em temáticas mais tradicionalmente estudadas, e que, no Brasil, eram ainda pouco aprofundadas.

Talvez influenciado por sua origem francesa, Monbeig (2004) já apontava para a importância das finanças na análise geográfica, mesmo em trabalhos como este, em que a discussão do aspecto financeiro não era a preocupação central do autor. Assim, tornando-se tendência, na maior parte dos trabalhos que passaram a ser publicados no Brasil a partir de então, as finanças se fizeram presentes de modo

¹⁴ Nos dias atuais, a circulação das finanças ocorre cada vez mais, por exemplo, por meio de sistemas eletrônicos que permitem a execução de transferências bancárias, depósitos, empréstimos, dentre outros mecanismos que as caracterizam como sendo um fluxo imaterial.

¹⁵ Conforme já destacado, esta obra foi originalmente publicada no ano de 1941.

secundário, em pesquisas ainda “presas” a materialidade do espaço geográfico. Essas pesquisas contribuíram por terem lançado a base para o posterior impulso aos estudos da Geografia Financeira no Brasil.

Aroldo de Azevedo (1958) foi um dos primeiros geógrafos brasileiros a incluir as finanças em suas pesquisas. No capítulo 1 do livro *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*, que se intitula *São Paulo, cidade trimilionária*, o autor relaciona a atuação de São Paulo como importante centro comercial com a presença de “[...] um dos mais poderosos centros bancários do país [...]” (AZEVEDO, 1958, p.23). Esta obra é considerada monografia que se dedica à compreensão da cidade de São Paulo com base em seus diferentes aspectos, dentre eles o financeiro.

Foi principalmente a partir dos anos 1980 que foi publicado a maior parte dos trabalhos de geógrafos brasileiros que se dedicaram de modo mais profundo ao estudo das finanças, em um período em que não era mais possível “excluir” as finanças das análises geográficas. Foi por meio desses geógrafos que as finanças adquiriram notoriedade e tornaram-se objeto de estudo central em pesquisas de âmbito nacional.¹⁶ Consequentemente, passou a existir um maior interesse por parte dos geógrafos em compreender o sistema financeiro e uma maior gama de temáticas passou a ser pesquisada.

Em seu artigo *Os principais pontos de controle da economia transnacional no espaço brasileiro*, de 1986/1987, Maria Helena Kohn Cordeiro (1928-1994) destaca a centralidade de São Paulo enquanto importante centro transnacional de nossa economia, tornando evidente a concentração metropolitana do capital financeiro no período entre 1968 e 1984. Relacionado a isso, a autora destaca que não se pode falar de uma desconcentração do poder de decisão do sistema bancário no Brasil, podendo-se mencionar apenas uma pequena distribuição regional.

Possui destaque nessa obra a concentração de agências na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), especialmente na capital do estado. A primazia da metrópole paulista se construiu pelo fato de os bancos que concentravam suas matrizes em outros municípios terem sido absorvidos pelos conglomerados com sedes em São Paulo. Em suma, Cordeiro (1986/1987) destaca a RMSP como sendo o epicentro do sistema financeiro brasileiro.

Em seu artigo *O setor financeiro e a circulação da informação no Brasil pós 70*, Cordeiro (1991) relaciona a difusão de uma base técnica, representada pela

¹⁶ Alguns destes pesquisadores tiveram contato direto com a Geografia francesa, seja por meio da realização de pesquisas orientadas por professores franceses, como no caso de Leila Christina Dias, seja por terem residido por um certo período na França, sendo Milton Santos exemplo desse caso.

teleinformática, com a expansão territorial dos bancos e concentração de sua gestão em pontos específicos do território. A autora evidencia algumas das estratégias que permitiram ao sistema bancário adquirir características nacionais e concentrar a sua gestão em cidades específicas, com destaque novamente para a região da cidade de São Paulo. Foi nessa região onde se concentrou, a partir de então, grande parte dos fluxos de informação considerados essenciais para a gestão desse setor. Cordeiro (1991) demonstra, por meio disso, que a expansão das redes bancárias no Brasil ocorreu concentrando cada vez mais as operações administrativas.

No trabalho *A “cidade mundial” de São Paulo e a recente expansão do seu centro metropolitano*, publicado em 1992, a autora dá sequência a estas discussões e relaciona a reestruturação econômica brasileira no pós-Segunda Guerra Mundial com a supremacia da cidade de São Paulo no que se refere à presença de sedes de grandes corporações financeiras e não-financeiras.

Nessa análise, Cordeiro (1992) destaca a absoluta centralidade exercida por São Paulo por concentrar as sedes de decisão do setor financeiro frente à relativa dispersão dos escritórios centrais de outros setores econômicos. Como pano de fundo dessa reorganização que valorizou São Paulo, são mencionados processos como o de transnacionalização do capital e a conglomeração dos grupos financeiros.

Milton Santos (1926-2001) é outro geógrafo de importante contribuição ao estudo das finanças. Em artigo denominado *O dinheiro e o território*, de 1999, ele destaca a origem do dinheiro como sendo uma necessidade quando o simples escambo já não bastava. O aumento da importância do dinheiro determinou uma inversão em sua relação com o território, pois esse passou a ser comandado pelo dinheiro. O referido autor menciona a existência de uma “ditadura do dinheiro”, tendo em vista o seu grande alcance e influência sobre o território, cujo conteúdo escapa a toda regulação interna (SANTOS, 1999).

Realizando uma leitura crítica do espaço geográfico, Milton Santos dedicou grande parte de suas pesquisas à compreensão do processo de globalização. Com base na citação acima, percebemos a relação existente, para esse geógrafo, entre o dinheiro e a globalização, na medida em que o dinheiro é hoje um dos componentes principais que sustentam e dão vida a esse processo.

A mesma relação é expressa no livro *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*, publicado em 2011 juntamente a Maria Laura Silveira. Os autores dedicam o capítulo VIII, denominado *O sistema financeiro*, à análise exclusiva das finanças. Nesse capítulo, eles se aproximam das ideias de Cordeiro ao destacarem

a relação existente entre a expansão territorial do sistema bancário brasileiro e a ocorrência de uma metropolização financeira em São Paulo.

Os autores apontam para a região conhecida como concentrada¹⁷ como a maior beneficiada dessa expansão, pois foi nos estados pertencentes a ela que o sistema bancário concentrou importante parcela de suas agências. No que se refere ao comando das operações financeiras, São Paulo se destaca por controlar o processo de financeirização e creditização do território.

Embora Milton Santos tenha discorrido sobre diversos temas ao longo de sua carreira, essas duas obras demonstram, ao menos de forma parcial, a importância que ele deu às finanças em suas pesquisas por considera-las um importante elemento a ser considerado na organização do espaço geográfico, principalmente em meio ao processo de globalização.

O sistema bancário tornou-se, especialmente a partir dos anos 1980, tema de estudo por parte de Roberto Lobato Corrêa, que aborda as finanças a partir da perspectiva de gestão do território. Para esse geógrafo, a posse das finanças representa uma capacidade de controle do próprio território. Suas pesquisas possuem importância por discutirem as finanças a partir de uma perspectiva histórica do sistema bancário brasileiro, contribuindo para o entendimento de sua evolução ao longo do tempo.

Em seu artigo *Concentração bancária e os centros de gestão do território*, Corrêa (1989a) objetivou verificar a ampliação, redução ou eliminação de alguns centros urbanos do papel de gestão do território nacional, relacionando este fato com a concentração territorial da sede dos bancos comerciais, especialmente a partir dos anos 1960. Conforme o autor menciona, esse estudo constitui “[...] uma contribuição ao tema da gestão do território, considerando a atividade financeira, muito pouco estudada pelos geógrafos, como elemento de análise [...]” (CORRÊA, 1989a, p.17).

Essa importância do estudo das finanças é considerada por Corrêa na medida em que o seu controle permite “[...] apropriar-se de um território e controlar a sua organização sócio-espacial [...]” (CORRÊA, 1989a, p.17). Nesse processo, São Paulo é destacada novamente por ter adquirido uma primazia sobre as demais cidades no que se refere ao papel de gestor financeiro do território. Este argumento

¹⁷ Santos e Silveira (2011) compreendem essa região como a formada pelos estados pertencentes a região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo). Para eles, essa é a região polarizada do país, onde o meio técnico-científico-informacional se difunde em maior proporção se comparada as demais regiões brasileiras.

permite aproximarmos suas ideias com as de Santos (1999), pois ambos consideram as finanças um importante mecanismo de controle territorial e que, por esse motivo, devem ser compreendidas.

Em outro trabalho, *Os centros de gestão e seu estudo*, Corrêa (1989b) destaca novamente a importância de estudos relacionados aos centros de gestão das atividades econômicas. Nesse artigo, ele realiza uma retrospectiva dos principais estudos brasileiros e de outros países dedicados a gestão do território, considerando que

Os estudos sobre os centros de gestão das atividades econômicas, ou seja, os centros de gestão do território, tornaram-se [...] extremamente relevantes para se compreender a organização do espaço brasileiro e sua dinâmica [...] contribuindo assim para a compreensão de uma organização espacial que é, em sua natureza, dinamicamente desigual [...] (CORRÊA, 1989b, p.118).

A menção a importância desse tipo de estudos se relaciona ao momento em que Corrêa escreveu esses trabalhos, num período em que as finanças estavam, gradativamente, ganhando maior atenção por parte dos geógrafos. Em *Dinâmica do espaço financeiro*, capítulo do livro *Globalização e espaço latino-americano*¹⁸, Corrêa (1993) traz uma nova contribuição ao definir o espaço financeiro como

[...] o conjunto de lugares no qual se verifica o processo de circulação de capital relativo aos depósitos, empréstimos, descontos, cobranças, juros, lucros e rendas, assim como salários, investimentos e serviços, que envolve pelo menos uma unidade do setor financeiro, até mesmo uma única agência (CORRÊA, 1993, p.163).

Em um trabalho de perspectiva histórica, Corrêa (1993) demonstra como o sistema bancário brasileiro passou de uma estrutura baseada no pequeno banco local para outra baseada no grande banco nacional, com destaque para bancos como o Banco Brasileiro de Descontos S.A. (Bradesco), Itaú, Banco Real S.A., Unibanco, Banco Nacional S.A. (Nacional), Banco Mercantil e Industrial do Paraná S.A. (Bamerindus) e Banco Excel-Econômico que, em 1985, possuíam mais de 500 agências bancárias. O Estado possui destaque nessa obra por sua atuação direta sobre o sistema bancário, o que se fez por meio de medidas como a Reforma Financeira de 1964 e também pelo controle exercido sobre bancos públicos.

¹⁸ Livro organizado por SCARLATO, F. C. et al (1993).

Em suma, Corrêa incluiu em seus trabalhos a discussão sobre os processos de fusão e aquisição e sua importância para o modo como o sistema bancário brasileiro se organizou ao longo dos anos. Ele demonstra que esses processos constituem importante estratégia de crescimento territorial e de integração do setor, pois permite aos bancos expandirem a sua atuação em busca de novos mercados. A análise das aquisições bancárias é, nesse sentido, uma das estratégias que permite compreender o modo de atuação do sistema bancário.

De modo semelhante à discussão apresentada por Cordeiro, Leila Christina Dias contribui ao estudo das finanças ao destacar a importância da difusão da base técnica que permitiu aos bancos integrarem a sua rede de agências ao longo do território brasileiro. É esse o caso de seu artigo *O sistema financeiro: aceleração dos ritmos econômicos e integração territorial*, de 1992, em que a autora analisa a crescente importância do sistema financeiro em meio a utilização maciça que ele faz das redes de telecomunicações¹⁹.

Dias (1992, p.46) demonstra que “[...] é pela demanda dos bancos que são instalados circuitos nacionais e internacionais de comunicações de dados [...]”. A autora exemplifica por meio do caso do Bradesco, demonstrando que foi pela aquisição da empresa DIGILAB que o banco pôde realizar investimentos em equipamentos de informática e de telecomunicações. Esse processo levou a informatização do setor bancário e permitiu a circulação da informação entre agências e sedes.

Em seu artigo, *Por que os bancos são o melhor negócio do país? Hegemonia financeira e geografia das redes bancárias*, Dias (2006) realiza um resgate da trajetória do sistema bancário no Brasil, em que diferentes atores vem influenciando o modo como os bancos organizam as suas redes em cada período destacado. Nessa trajetória, a autora demonstra como os bancos se adaptam às novas situações impostas e, ao mesmo tempo, mantém seus lucros elevados.

No artigo *Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores*, Dias e Lenzi (2009) procuram compreender, conforme explícito no título da obra, as mudanças na localização das agências bancárias, identificando os nexos que, a cada período, transformam a geografia das redes bancárias. A hipótese é a de que mudanças econômicas, tecnológicas, normativas, políticas e espaciais atuam articuladas como um conjunto interdependente de

¹⁹ A autora realiza o estudo do banco Bradesco de modo a exemplificar como os bancos se aproveitaram dessa base técnica para se expandir pelo território.

fatores resultantes do encontro entre a internacionalização das finanças e os determinantes internos a cada Estado-Nação.

As autoras concluem que processos adaptativos e inovadores atuam reorganizando espacialmente a rede de agências dos bancos presentes no país, num processo que passa ainda pela mudança na forma de circulação do dinheiro (que se tornou virtual) e pela criação de novas formas de atendimento, como os correspondentes bancários.

Em seu trabalho intitulado *Finanças, política e território*, Dias (2009) se dedica ao estudo de um período específico da globalização financeira. A autora realiza uma breve retrospectiva dos fatores determinantes para a ocorrência da globalização das finanças para, em seguida, citar alguns autores que possuem esse processo como objeto de análise.

No artigo *Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: concentração financeira e expansão territorial*, Dias, Lenzi e Corigliano (2011) dão sequência ao estudo das redes de agências bancárias ao analisarem a reorganização espacial das redes dos bancos Bradesco e Bamerindus. Embora em outros trabalhos já se fizesse presente o estudo de bancos específicos, esse tipo de análise aparece como objetivo principal desse artigo.

Ao se dedicar ao estudo das redes, a autora dá ênfase ao sistema bancário como uma importante rede organizada ao longo do território nacional. Esse destaque às agências bancárias é feito na medida em que são elas fator impulsionador de outras redes, como as de telecomunicações.

Carlos Alberto Franco da Silva dedica-se também ao estudo das finanças. Em seu artigo *A espacialidade da concentração bancária*, publicado em 1994, o autor avalia a concentração bancária brasileira, no período pós-1964, dando ênfase ao papel do Estado como estimulador dessa concentração por meio de medidas políticas e econômicas que beneficiaram especialmente os grandes bancos.

Conforme o autor destaca, foram os grandes bancos que exerceram papel de liderança da conglomeração financeira, o que beneficiou certas localidades pelo número de agências que dispunham. Por meio disso, demonstra que a integração do sistema bancário brasileiro não eliminou as desigualdades socioespaciais do território, percebidas pela concentração de agências em certas localidades.

Em *O supranacionalismo financeiro privado no limiar do século XXI*, Silva (1996) analisa a atuação dos bancos supranacionais, ou seja, de bancos que transcendem a geografia dos Estados. O autor contextualiza a expansão desses

bancos com o mercado de eurodólar e também com o desenvolvimento da informática e das telecomunicações, que serviram como impulso a desregulamentação dos fluxos de capital. Em consequência, Silva (1996) aponta para a existência de uma nova ordem monetária internacional baseada na reorganização dos territórios dos bancos e na redução das barreiras espaciais para a circulação financeira.

Ao mesmo tempo em que o capital financeiro adquiriu maior volatilidade, ocorreu a consolidação e integração de polos financeiros mundiais, hierarquizados por Silva (1996) por meio das cidades mundiais e pelos centros urbanos de segunda ordem. Percebemos que a “[...] a integração das finanças-telecomunicações reforçou a atratividade das principais áreas metropolitanas na paisagem financeira global” (SILVA, 1996, p.11).

Processo semelhante é destacado no trabalho *O impacto das telecomunicações sobre as corporações industriais e financeiras*, onde Silva (1997) demonstra que a demanda que o sistema bancário possui de eficiência técnica, tecnologia informacional e demais sinergias, torna as cidades globais o centro deste sistema. O autor defende, nesse sentido, que o impacto das telecomunicações sobre as corporações financeiras não eliminou a existência de “nós” que atuam como localidades centrais por sua atratividade às corporações financeiras. O autor joga por terra a existência de um “mundo sem centro”, do ponto de vista financeiro.

Destacamos ainda o artigo *As transformações da rede de gestão territorial do Banco Nacional S/A sob a égide da revolução telemática* onde, por meio do estudo do Banco Nacional S/A, Silva (1999) apresenta de que modo a revolução na telemática impactou sobre a topologia dos bancos brasileiros e em sua gestão. Ao mesmo tempo em que esse banco pôde dispersar e interligar as suas agências pelo território brasileiro, sua gestão territorial se concentrou em um menor número de cidades, com destaque para as grandes metrópoles, capazes de gerir os fluxos entre sua rede de agências.

Merecem destaque ainda os trabalhos publicados por Sandra Lúcia Videira e também por Fábio Betioli Contel. Em seu artigo *Bancos estrangeiros no Brasil: um agente urbano*, Videira (2005) apresenta algumas considerações acerca da presença de bancos estrangeiros no Brasil, pesquisa essa que resultaria na publicação de seu doutorado, alguns anos mais tarde.

Nesse texto, a autora contextualiza o cenário político-econômico que facilitou com que os bancos estrangeiros adentrassem no sistema bancário brasileiro. Sendo

uma pesquisa direcionada à dinâmica espacial dos bancos, esse trabalho apresenta algumas considerações que contribuem para o estudo do Banco Santander, realizado em seu doutorado.

No livro *Globalização financeira: um olhar geográfico sobre a rede dos bancos estrangeiros no Brasil*, Videira (2009) apresenta a sua pesquisa de doutorado, na qual se dedicou a compreensão das estratégias de atuação do banco Santander no Brasil. Esse trabalho contribui para o entendimento de um período recente em que o capital estrangeiro se estabeleceu de modo veemente no setor bancário brasileiro.

O estudo de um banco específico possui importância, dentre outros motivos, por revelar processos que vão além do simples entendimento de uma corporação em si, pois as suas práticas se relacionam à organização do sistema financeiro como um todo. No caso do trabalho de Videira (2009), sua pesquisa deu um importante passo para a compreensão da dinâmica territorial dos bancos estrangeiros no Brasil pois, como ela menciona, eles vêm se tornando cada vez mais presentes no território nacional.

Em trabalho denominado *A privatização dos bancos estaduais no Brasil*, Videira e Luz (2009) analisam período recente do sistema bancário brasileiro, em que parte dos bancos públicos foi privatizado mediante o predomínio de políticas neoliberais. Nesse trabalho, os autores tecem algumas considerações a respeito do repasse de bancos públicos para o capital privado, principalmente se considerado que umas das consequências desse processo foi o aumento na presença de bancos estrangeiros no Brasil que, num futuro próximo, poderiam constituir as maiores redes atuantes no país.

O artigo de Contel (2009) *Espaço geográfico, sistema bancário e a hipercapilaridade do crédito no Brasil* se aproxima do trabalho de Videira ao abordar o período mais recente na evolução do sistema bancário brasileiro. Nesse trabalho, são apresentadas algumas das transformações recentes pelas quais o sistema bancário brasileiro passou e que alteraram a relação dos intermediadores financeiros com o espaço geográfico.

O Plano Real, de 1994, é ponto de partida para discussões que se concentram nas mudanças ocorridas no controle dos bancos brasileiros²⁰ e também nos novos sistemas técnicos financeiros que permitiram ao mesmo tempo uma maior eficiência na ação dos bancos e também o surgimento de novos fixos

²⁰ Contel (2009) analisa principalmente as mudanças no controle dos bancos públicos estaduais em favor dos bancos privados.

geográficos que ofertam serviços bancários no país²¹. Trabalhos como esse possuem importância por seu aprofundamento em análises de períodos específicos, mas que possuem relação com a evolução histórica do sistema financeiro.

No artigo *Redes urbanas e mundialização financeira: atores, normas e financeirização do território brasileiro*, Contel (2011b) estabelece parâmetros para a análise do fenômeno financeiro em sua relação com a rede urbana mundial e a rede urbana brasileira. Essa relação é realizada demonstrando a existência (ou a continuidade na existência) de centros urbanos considerados “nós” que comandam o sistema financeiro global e nacional. Essa ideia aproxima esse trabalho com algumas das ideias de Silva aqui apresentadas.

No caso brasileiro, Contel (2011b) relaciona as transformações do sistema bancário com um rearranjo da hierarquia urbana que determinou uma mudança no comando desse sistema em favor de regiões mais dinâmicas que exercem a função de centros financeiros *on-shore*.²² São destacados também os centros financeiros *off-shore*, conhecidos como paraísos fiscais, que são em grande parte uma resposta geográfica ao aumento da regulação das finanças nos demais centros²³.

O livro *Território e finanças. Técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil* é apresentado por Contel (2011a) como resultado de sua pesquisa de doutorado. Nesse livro, o autor realiza uma análise do sistema bancário brasileiro e das finanças por meio da “[...] evolução recente do fenômeno das finanças em sua relação com o espaço geográfico [...]” (CONTEL, 2011a, p.18).

Essa relação é apresentada a partir de um resgate histórico das características assumidas pela topologia dos bancos no Brasil e sua relação com as técnicas e normas de cada período, de modo semelhante ao que foi realizado por outros autores já mencionados. Essa obra perpassa pelos diferentes momentos de nosso sistema bancário e possui destaque pela riqueza de dados utilizados sobre a atuação dos bancos nas diferentes regiões e estados brasileiros.

²¹ Nesse caso, é dado destaque para a reestruturação do Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB), a partir de 2002, que se enquadra em um momento de modernização dos sistemas técnicos em favor de um sistema financeiro mais integrado e eficiente. São destacados ainda os Correspondentes Bancários, que simbolizam as novas formas de atendimento bancário que ampliaram o acesso da população a esse sistema e geraram uma economia de custos para os bancos.

²² São Paulo é destacada como exemplo de comando do sistema bancário, o que é expresso com base na concentração das sedes bancárias nessa cidade. A perda da capacidade de comando de outros centros urbanos ocorreu, dentre outros fatores, pela privatização dos bancos estaduais.

²³ Utilizamos o termo *off-shore* para representar as corporações situadas em outros países e que estão sujeitas a um regime legal diferente daquele de seu país de origem, a exemplo do que ocorre nos “paraísos fiscais”. Com base nessa definição, os centros financeiros *on-shore* seriam aqueles tradicionais, em que há um maior controle sobre as transações financeiras. Em termos financeiros, *on-shore* é também utilizado para definir as transações que ocorrem no próprio país de origem.

Embora a contribuição de geógrafos brasileiros ao tema das finanças não se resume a esses pesquisadores, seus trabalhos possuem grande importância por terem despertado o olhar para as finanças, integrando-as em suas pesquisas de modo mais aprofundado como um elemento a ser considerado nas pesquisas geográficas.

Com base nesse resgate defendemos a importância da Geografia Financeira como uma das especialidades da Geografia Econômica. Parece-nos evidente a capacidade das finanças em moldar e estruturar o espaço geográfico com características específicas. Ao mesmo tempo, as corporações financeiras adquiriram relevância que se assemelha ou mesmo supera a importância exercida pelas corporações produtivas. De fato, o capital financeiro tornou-se elemento central para o funcionamento da sociedade e desprezar a sua presença seria colocar em risco a possibilidade de compreender o espaço geográfico em sua totalidade.

Considerações Finais

No presente trabalho, verificamos que a inclusão das finanças enquanto elemento considerado nas pesquisas de geógrafos brasileiros vem possibilitando a realização de uma série de discussões que englobam aspectos da realidade que antes eram desconsiderados. Embora de forma sintética, apresentamos a trajetória da Geografia Financeira que vem sendo construída mediante a contribuição de cada um desses pesquisadores.

De grande importância para o impulso inicial da Geografia brasileira, os geógrafos estrangeiros foram de grande contribuição para o estímulo inicial ao estudo das finanças, num momento em que a maior parte das pesquisas possuíam outro objeto de estudo, mas já consideravam a importância exercida pelo aspecto financeiro em suas análises. Nacionalmente, os estudos da dinâmica urbana contribuíram para as primeiras discussões relacionadas as finanças.

Com o advento da globalização financeira, especialmente a partir da segunda metade do século XX, verificamos um aumento no volume de publicações que possuem as finanças como o objetivo principal de suas análises. Nesse momento, o sistema financeiro/bancário adquiriu notoriedade mediante o interesse em compreender o seu funcionamento e, principalmente, as consequências de sua organização espacial.

As corporações financeiras passaram a receber atenção parecida com a destinada para outros setores da economia, com destaque para o setor produtivo. O debate está centrado na organização das redes bancárias, nas consequências dos processos de fusão e aquisição, no papel desempenhado pelos bancos estrangeiros em meio ao enfraquecimento das corporações de origem pública. Além desses, as finanças também vêm contribuindo para a discussão de temas como a gestão do território, a internacionalização da economia brasileira, a disponibilidade de crédito e o endividamento da população. Ao se dedicarem a essas temáticas, os geógrafos se aproximam das discussões presentes em outras disciplinas, mas mantém distinções quanto aos objetivos e a forma de proceder as análises.

Em suma, salientamos que o estudo das finanças não se esgota a essas possibilidades. Novos trabalhos proporcionarão uma compreensão mais completa do papel desempenhado pelas finanças na organização do espaço geográfico. A continuidade dessas pesquisas reforçará o nosso posicionamento por uma Geografia Financeira.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aroldo de. São Paulo, cidade trilionária. In: ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS [Seção Regional São Paulo] (Org). AZEVEDO, Aroldo de (Coord). **A cidade de São Paulo**: estudos de geografia urbana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. p.1-40.
- BERNARDES, Nilo. **A influência estrangeira no desenvolvimento da Geografia no Brasil**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro. v.44, n.3, 1982. p.519-527.
- CAPES. **Portal de Periódicos**. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>> Acesso em: 04/012018.
- CHESNAIS, François. **A finança mundializada**: raízes sociais e políticas, configuração, consequências. São Paulo: Boitempo, 2005.
- CNPQ. **Tabela de Áreas do Conhecimento**. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/documents/10157/186158/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf>> Acesso em 03/02/2018
- CONTEL, Fabio B. Espaço geográfico, sistema bancário e a hipercapilaridade do crédito no Brasil. **Caderno CRH** (UFBA. Impreso), v. 22, 2009. p.119-134.
- _____. **Território e finanças**: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. São Paulo, Annablume, 2011a, 315p.
- _____. **Redes urbanas e mundialização financeira**: atores, normas e financeirização do território brasileiro. In: XIV Encontro Nacional da ANPUR, 2011, Rio de Janeiro. XIV Encontro Nacional da ANPUR, 2011b.

_____. As finanças e o espaço geográfico: contribuições centrais da geografia francesa e da geografia brasileira. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v.61, nº1, p.59-78, jan./jun. 2016.

CORDEIRO, Helena K. Os principais pontos de controle da economia transnacional no espaço brasileiro. **Boletim de Geografia Teórica**. v.16/17, n.31/34, 1986-87, p.153-196.

_____. O setor financeiro e a circulação da informação no Brasil pós-70. **Anais do III Encontro de Geógrafos da América Latina**. Toluca, México. (Departamento de Cartografia e Análise da Informação Geográfica, UNESP - Campus de Rio Claro), 1991.

_____. A “cidade mundial” de São Paulo e a recente expansão de seu centro metropolitano. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro. v.54, nº3, jul./set. 1992. p.5-26.

CORRÊA, Roberto L. Concentração bancária e os centros de gestão do território. **Revista Brasileira de Geografia**. n.51, v.2, abr/jun. 1989a, p.17-32.

_____. Os centros de gestão e seu estudo. **Revista Brasileira de Geografia**. v.51, n.4, out./dez. 1989b. p.109-119.

_____. Dinâmica do Espaço Financeiro. In: **O Novo Mapa do Mundo**. Globalização e Espaço Latino-Americano. Org. F. C. Scarlatto M. Santos, M.A.A. de Souza e M. Arroyo. São Paulo, HUCITEC-ANPUR, 1993.

CORRÊA, Gilson C. P. **Tecnologia, automação e desemprego no setor bancário brasileiro (1986-2000)**. Revista Organização Sistêmica, v. 2, 2012. p.33-56.

DIAS, Leila C. **O sistema financeiro: aceleração dos ritmos econômicos e integração territorial**. Anuário do Instituto de Geociências/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 15, 1992. p. 43-54.

_____. Por que os bancos são o melhor negócio do país? Hegemonia financeira e geografia das redes bancárias. In: ALBUQUERQUE, Edu S. de (Org.). **Que país é esse? Pensando o Brasil contemporâneo**. São Paulo: Globo, 2006.

_____. Finanças, política e território. **Caderno CRH**. Salvador. v.22, n.55, jan./abr 2009. p.9-13.

DIAS, Leila C; LENZI, Maria H. Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores. **Caderno CRH** (UFBA, Impresso), v. 22, 2009. p.97-117.

DIAS, Leila C; LENZI, Maria H; CORIGLIANO, Letícia de S. T. **Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: Concentração e expansão territorial**. Revista Geográfica de América Central. Número Especial EGAL, Costa Rica, 2011. p.1–15.

HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo, SP: Boitempo, 2011.

LUZ, Ivoir; VIDEIRA, Sandra. **A privatização dos bancos estaduais no Brasil**. In: 12º Encuentro de geógrafos da América Latina, 2009, Montevideo. Anais do 12º Encuentro de geógrafos da América Latina. Montevideo, 2009. p.1-14.

MEDEIROS, Dhiego A. de. **Financeirização do território e circuitos da economia urbana: agentes de crédito, técnicas e normas bancárias. Um exemplo em Alagoas**. 2013. 275 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MONBEIG, Pierre. **O estudo geográfico das cidades**. Cidades. Presidente Prudente, v.1, nº2, 2004, p.277-314.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. **GEOgraphia**. v. 1, n. 1, 1999. p.7-13.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 15ª ed., 2011.

SILVA, Carlos. A. F. A espacialidade da concentração bancária. **Boletim Goiano de Geografia**. v.14, n.1, 1994. p.1-21.

_____. O supranacionalismo financeiro privado no limiar do século XXI. **Boletim Goiano de Geografia**. v.16, n.1, jan./dez. 1996. p.1-14.

_____. Os impactos das telecomunicações sobre as corporações industriais e financeiras. **Revista de Administração Pública**, v. 31, n. 4, jul./ago. 1997. p.7-22.

_____. As transformações da Rede de Gestão Territorial do Banco Nacional S/A sob a Égide da Revolução Telemática. **Território**, v. 6, 1999. p. 55-71.

SINGER, Paul. **Para entender o mundo financeiro**. São Paulo: Contexto, 2000.

VIDEIRA, Sandra. L. **Bancos estrangeiros no Brasil: um agente urbano**. Scripta Nova (Barcelona), Barcelona - Espanha, v. IX, n.194, 2005.

_____. **Globalização financeira: um olhar geográfico sobre a rede dos bancos estrangeiros no Brasil**. 1. ed. Guarapuava: Editora Unicentro, 2009. 343p.

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Joanderson Prada – Concepção. Coleta de dados. Análise de dados. Elaboração do manuscrito. Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

Pierre Alves Costa – Concepção e elaboração do manuscrito. Participação ativa da discussão dos resultados; Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

Sandra Lúcia Videira – Concepção e elaboração do manuscrito. Participação ativa da discussão dos resultados; Revisão e aprovação da versão final do trabalho.

FINANCIAMENTO

CAPES

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 11-05-2018

Aprovado em: 05-11-2018